

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman  
Márcia Cristina Maesso  
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato  
Ana Giulia de Araújo Conte  
Aline Vidal Varela  
Muriel Romeiro da Costa e Silva  
Alessandra Carvalho Vieira da Silva  
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa  
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro  
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira  
**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

**Coordenação geral** : Thiago Affonso Silva de Almeida  
**Consultor de produção editorial** : Percio Savio Romualdo Da Silva  
**Coordenação de revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
**Coordenação de design** : Cláudia Barbosa Dias  
**Revisão** : Lara Andressa da Silva Carvalho  
**Diagramação** : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :  
subjetivações e cultura / (organizadores)  
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :  
Editora Universidade de Brasília, 2024.  
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

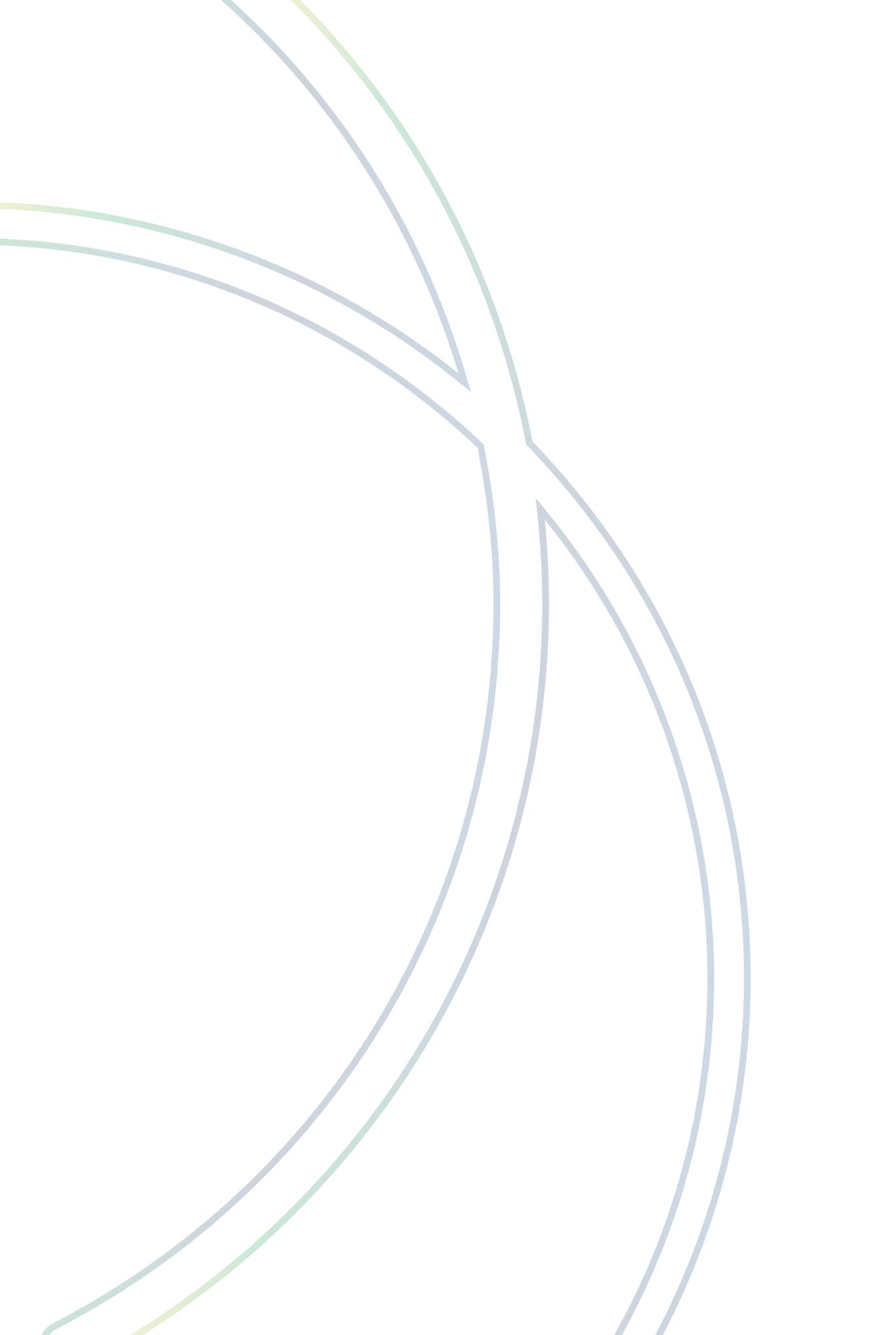
Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,  
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

---

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



# Sumário

## **Apresentação 11**

## **Prefácio 13**

Miriam Debieux Rosa

### Parte I

## **Psicanálise e parentalidade**

### **Psicanálise e maternidade 21**

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

### **Parentalidade contemporânea 33**

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

### Parte II

## **Psicanálise e relações raciais**

### **Cabelo crespo e pele escura 47**

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

### **Violência, trauma e memória 57**

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

### **O racismo estrutural na transmissão psíquica 69**

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

### Parte III

## Psicanálise, arte, literatura e cultura

### Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

### Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

### A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

### Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

### Parte IV

## Psicanálise e trabalho feminino

### Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

### Parte V

## Psicanálise extramuros/ políticas públicas

### Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

### O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

## **Até o osso 159**

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

## **Parentalidade e saúde pública 173**

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

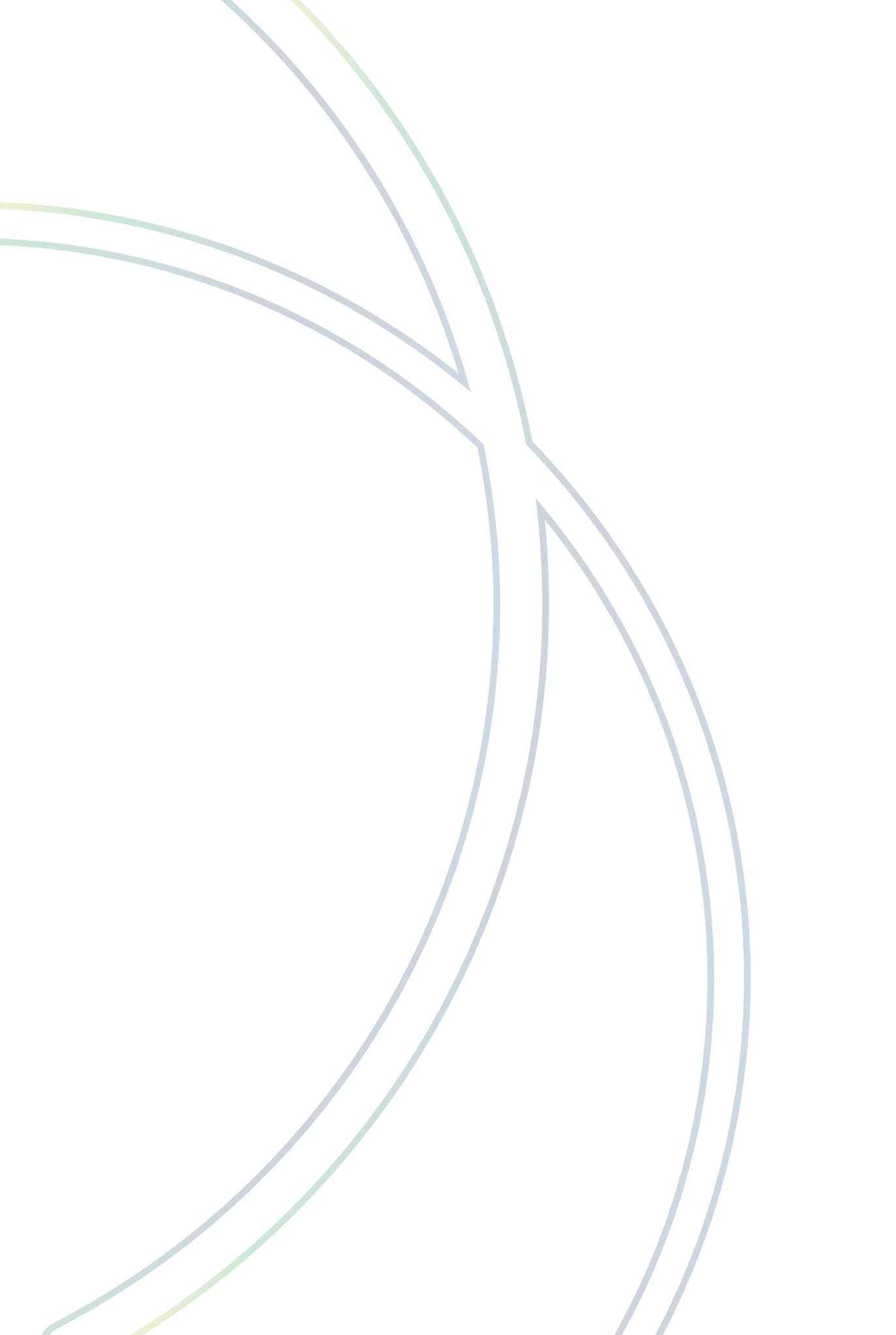
## **A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187**

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela, Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

## **Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199**

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

## **Sobre os autores e organizadores 211**



# Apresentação



A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

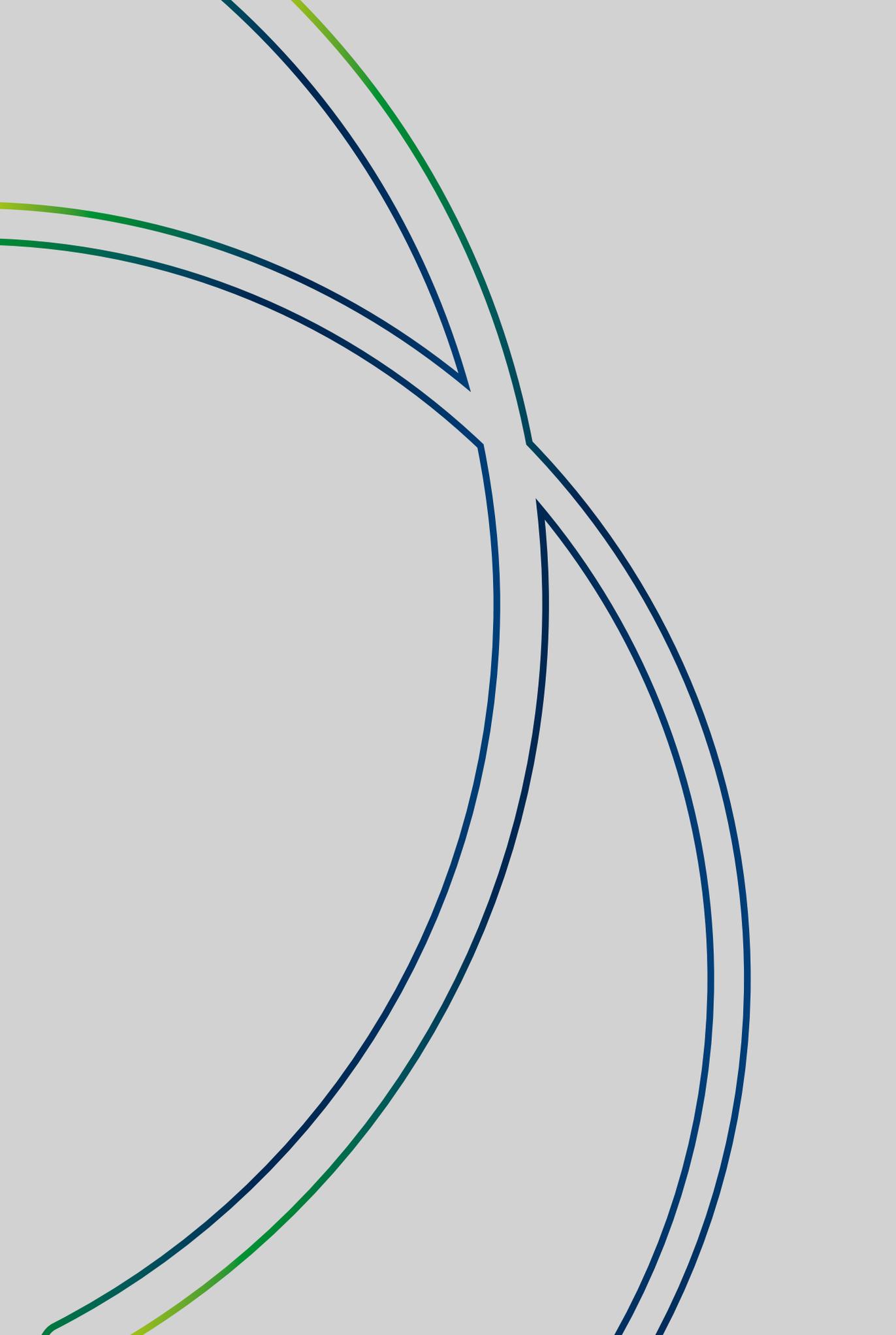
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

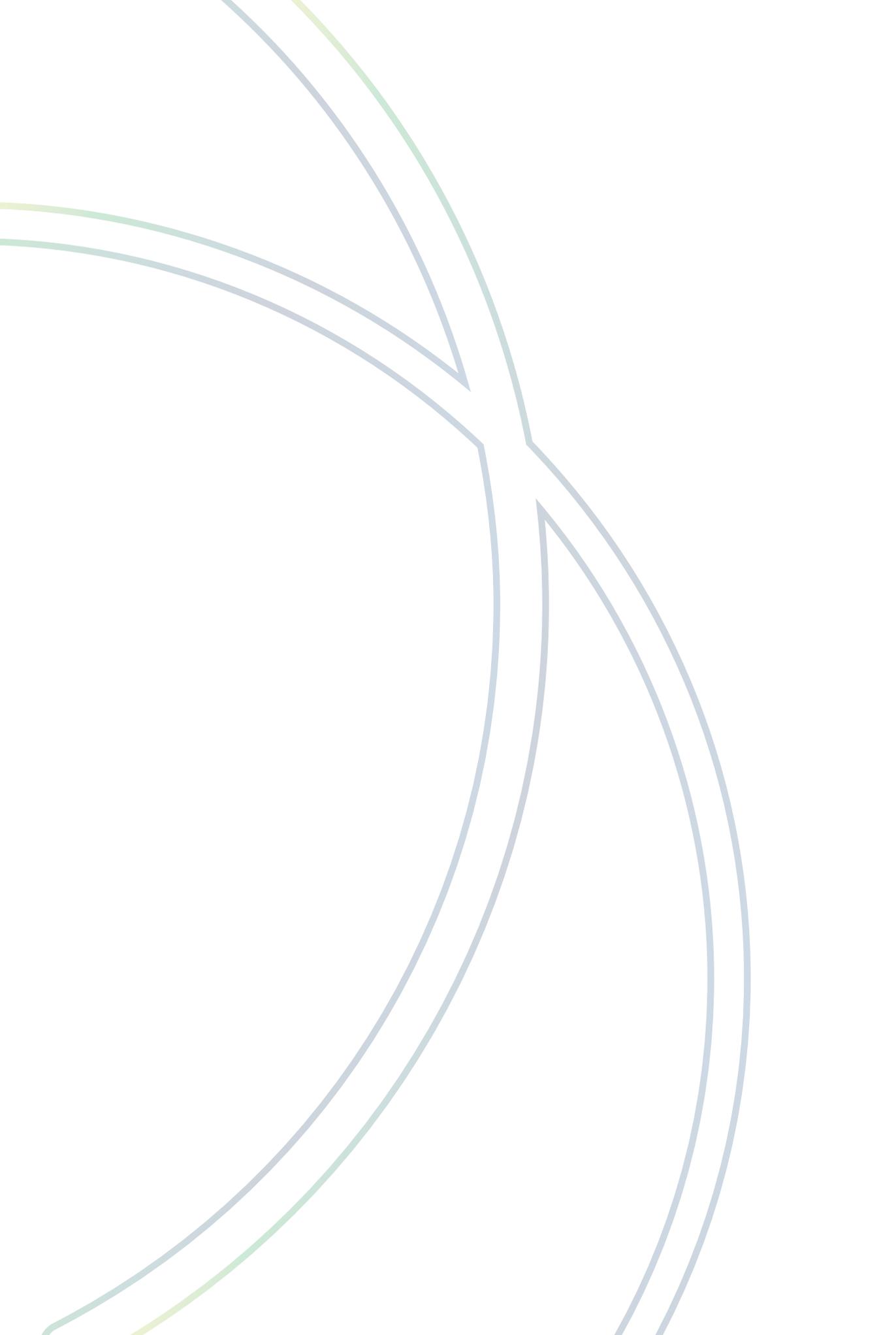
5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



# Psicanálise e parentalidade

Parte I



# Psicanálise e maternidade

*(Des)encontros ante o racismo, a religião e o trabalho*

Aline Vidal Varela  
Ana Isabel Pereira  
Cintia da Silva Lobato Borges  
Daniela Scheinkman  
Ingrid Mello Pereira Soti

## De onde partimos...

Os estudos sobre o feminino e a mulher estão, desde os primórdios, nos fundamentos da Psicanálise e trouxeram importantes questões tanto para Freud quanto para diversos autores que contribuíram para a Psicanálise, como Lacan, Winnicott e Klein. Assim, a busca por respostas sobre tais questões – o que é a histeria feminina, o famoso *o-que-quer-uma-mulher?* Freudiano, o Complexo de Édipo, as discussões em torno do falocentrismo, entre outros – ganhou um lugar central na teoria e na prática psicanalítica (Demes; Chatelard; Celes, 2011).

Ao longo da história, o sujeito que gesta e pare é o mesmo que ascende ao que se conhece por maternidade. Um corpo não surge do vácuo, os novos indivíduos da espécie humana se formam no corpo de outros indivíduos. Há, dessa forma, pelo menos dois corpos: uma pessoa, que de maneira reducionista, é comumente chamada de mãe, e um outro, um vir a ser. Vera Iaconelli (2020) nos convida a manter como foco as particularidades dessas mulheres, sem esquecer o que a cultura tem a dizer sobre o *ser mãe* e o *ser mulher*:

abordar a parentalidade a partir da Psicanálise visa colocar em primeiro plano a importância de escutar como a angústia emerge no fenômeno parental em cada sujeito, de um lado, e as respostas que a cultura tem produzido diante desse fenômeno em nossa época, de outro (Iaconelli, 2020, p. 16).

De forma geral, o que entendemos por subjetividade feminina é um constructo feito a partir de um longo histórico de apagamento e repressão e, conseqüentemente, do surgimento de sintomas como modos de expressar os desejos não autorizados em determinado

tempo e cultura. Aqui, buscamos pensar as vias da maternidade relacionada ao trabalho e à religião enquanto supostos identitários nas vivências de mulheres negras.

Embora o modelo de maternidade tenha sofrido modificações ao longo das últimas décadas, é mais interessante pensar em um acúmulo de idealizações do que em substituições de padrões. A mãe dedicada do imaginário burguês e a oblativa da Idade Média convivem com as altas expectativas de produtividade e eficiência do modelo de mãe neoliberal.

A mulher ideal da pós-modernidade é aquela que concilia os desejos pessoais com as enormes exigências sociais, buscando o sucesso enquanto se dedica à maternidade e à vida conjugal. Entretanto, tal equilíbrio mostra-se, por vezes, inalcançável na vida dessas mulheres (Rossafa; Blum, 2021).

Segundo Kehdy (2020), as grandes transformações do século XX, com a possibilidade de acesso à educação e maior participação no mercado de trabalho, levaram as mulheres a participar de lugares sociais para além do lugar de mãe. O uso das pílulas anticoncepcionais permitiu mudar a relação da mulher com a maternidade, “fazendo com que possa ser cada vez mais uma escolha, e não um destino” (Kehdy, 2020, p. 69). Todas essas transformações culturais diminuíram o amparo social que as mulheres costumavam ter no passado, durante o período perinatal.

O presente artigo dedica-se a explorar as articulações teórico-clínicas desenvolvidas a partir de dois casos atendidos pelo projeto Escuta Perinatal da Universidade de Brasília. O projeto é ligado à clínica-escola de psicologia da Universidade e tem como propósito oferecer escuta psicanalítica para gestantes, puérperas e seus/suas companheiros/as, com foco no que emerge no âmbito psíquico nesse momento da vida, o tempo perinatal. As mulheres atendidas assinam termo de livre consentimento esclarecido para o uso dos casos clínicos para fins de pesquisa e desenvolvimento acadêmico. Sendo assim, com base nessa premissa, apresentamos o texto a seguir.

### **Questões raciais: história brasileira, maternidade negra e racismo**

Para a devida articulação entre os temas propostos, é de extrema importância circunscrever o contexto histórico brasileiro que serviu de base para as estruturas racistas conhecidas, assim como o que é entendido socialmente enquanto raça. Sobre o conceito de raça no Brasil, Souza estabelece que:

apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais (Souza, 1983, p. 48).

Para a autora, raça é uma noção ideológica que exerce funções simbólicas utilizadas para a manutenção de uma estrutura social e de classes. Nota-se que, ao longo dos anos,

os estudos na área das teorias psicanalíticas foram se expandindo para abordar diferentes questões sociais e culturais, como as relações étnico-raciais. Diversos autores trabalharam na tentativa de interpelar o pensamento psicanalítico acerca das relações raciais, como Neusa Santos Souza, Virgínia Bicudo e o psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon, que a partir de sua obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008)

adentra essa problematização, afirmando a insuficiência do complexo de Édipo para compreendermos a experiência vivida e a subjetividade dos negros submetidos à colonização [...] por entre as críticas difundidas sobre a pregnância do Édipo na constituição subjetiva, Fanon (2008) encontra vias para afirmar a incidência da diferença racial como um fator que necessita ser considerado pela Psicanálise na montagem das subjetividades (Dias; Canavêz, 2022).

Analisando o discurso colonial e fazendo uso do conceito laciano (1964 [1988]) de laço social, Rosa, Binkowski e Souza (2019) refletem sobre esse laço no contexto de colonização, o qual perpassa o sujeito em sua história de vida. Esse conceito é abordado pelas autoras como a maneira pela qual o sujeito se constitui e encontra seu lugar, indicando os modos de pertencimento possíveis de cada indivíduo, pois:

os laços sociais têm seu fundamento na linguagem, constituindo-se como laços discursivos, ou seja, materializam-se nos modos de relação em um dado tempo e lugar. São laços que inserem o sujeito simultaneamente no jogo relacional, afetivo, libidinal e também no jogo político, pautando a construção da história de cada um, inserida no campo discursivo de seu tempo (Rosa, 2016, p. 5).

Para Assis e Ribeiro, os vestígios do colonialismo e da escravização estabeleceram uma nova forma de laço social que ocorre a partir do “choque de gozos”, indo além do choque de civilizações.

Essa forma de laço social se deu através da rejeição do gozo diferente do meu em detrimento da promoção da minha afirmação como humano. Assim, para se tornar humano é preciso que esse que foi rejeitado por ter um gozo diferente do meu o rejeite também e assimile minha maneira de gozar, maneira definitivamente humana. O racismo, portanto, se apresenta aí como um modo de gozo que estabelece um tipo singular de laço social (Assis e Ribeiro, 2022, p. 1.252).

Sendo assim, o Ideal do Eu é a instância a partir da qual o sujeito pode se constituir em referências a valores compartilhados e legitimados na sociedade. Entretanto, o negro é aquele cujo Ideal do Eu é branco, tornando-se impossível a concretização desse Ideal, apesar de seus esforços. Com isso, quando falamos de pessoas negras, temos um Ideal do Eu fundado na opressão de cor (Souza, 1983). Assim, o olhar para as relações raciais e a constituição da subjetividade de indivíduos negros deve passar

pela compreensão de fenômenos histórico-sociais que, conseqüentemente, moldam as particularidades da função parental desses sujeitos (Rosa, 2019).

Quando observamos as mulheres negras, a relação é ainda mais complexa, necessitando um olhar sensível à interseccionalidade. Na leitura de Oliveira acerca do *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*, proposto por Kimberlé Crenshaw (2000), é posto que:

[...] a interseccionalidade pode ser entendida como a coexistência e interação de diferentes fatores ou eixos de subordinação capazes de produzir vantagens ou desvantagens para cada sujeito social, indivíduo ou grupo – e para cada mulher negra em particular (Oliveira, 2019, p. 14).

Assim sendo, para pensarmos a subjetividade feminina negra, faz-se necessário um olhar que atravesse questões de gênero, raça e classe. Valeska Zanella (2018) é categórica ao afirmar que, na escala do cuidado, mulheres negras são as que mais cuidam e, em contraste, as menos cuidadas.

Analisemos o caso de Ana (nome fictício), uma mulher negra de 39 anos, grávida de 36 semanas, que buscou atendimento no projeto Escuta Perinatal da Universidade de Brasília. Inicialmente, justificou a procura pelo atendimento psicológico por estar sem plano de saúde e por estar buscando serviços públicos ou a preço social para que tivesse mais amparo no tempo perinatal. Estava em sua quinta gestação e desempregada há dois anos, fato que contribuiu para que enfrentasse uma realidade diferente de assistência profissional em relação às gestações anteriores. Ana relatou ter vivenciado violência obstétrica nas duas primeiras gestações, nas quais os partos foram ambos cesáreas sem indicação médica e contra a sua vontade. Além disso, pontua em seu relato: “sou negra e meu marido é branco”, explicitando a sua autoidentificação como mulher negra.

Analisando o contexto histórico-social, não restam dúvidas de que as experiências de maternidade entre mulheres negras e brancas podem, e costumam, se distinguir no período colonial, pois

a maternidade para as mães negras se dava a partir de uma relação de amor, dor, medo e restrição. Elas não tinham tempo e nem o direito de cuidar adequadamente de seus filhos, tendo inclusive, em certas circunstâncias, que deixar de dar o leite materno aos seus próprios filhos em detrimento dos rebentos do senhorio (Costa; Bezerra, 2018, p. 2).

Pesquisadoras do feminismo negro apontam que tal lógica ainda persiste nos dias de hoje, tendo em vista que, como evidencia Gonzalez (1984), a entrada da mulher branca brasileira no mercado de trabalho formal se deu à custa da exploração do trabalho doméstico da mulher negra. Enquanto o trabalho era o lugar do rompimento com o espaço privado e a lógica patriarcal para mulheres brancas, até então privadas do mercado de trabalho, para as

mulheres negras viver um maternar desejado, e autorizado, era um elemento que vinha a se relacionar com um processo de resistência, luta e reivindicação histórica (Evaristo, 2005).

Segundo o Ministério da Saúde (2009), 60% da mortalidade materna ocorre entre mulheres negras, contra 34% da mortalidade entre brancas, apontando para um perfil de grande desigualdade no acesso e na utilização dos serviços de saúde (Oliveira, 2019). Em pesquisa realizada por Oliveira (2019), cinco mulheres negras, mães, foram entrevistadas sobre de suas gestações, partos e puerpérios. O primeiro aspecto evidenciado por essas mulheres foi a condição de dependência frente aos saberes médicos às quais eram submetidas pelos profissionais de saúde. Relato similar foi compartilhado por Ana, de ter seus desejos frente aos partos negados pelos obstetras que a acompanharam.

Estudos acerca da maternidade de mulheres negras vêm apontando que utilizar o conceito de violência obstétrica não tem sido suficiente para evidenciar tais desigualdades na área de saúde. Estabeleceu-se, então, o conceito de racismo obstétrico enquanto “expressões da violência obstétrica aliada às dinâmicas racistas da sociedade que envolve a legitimidade do poder médico estruturado no racismo institucional” (Oliveira, 2019, p. 18).

Jane (nome fictício), outra mulher atendida pelo projeto, relatou muitos medos em relação ao parto, sobretudo o de sofrer violência obstétrica. Mulher preta, como se denomina, e bastante consciente das questões raciais, vivenciou o pré-natal de seu filho com muita desconfiança e receio em relação aos médicos. Sua experiência de parto, apesar de satisfatória, foi fortemente marcada pelo medo, mantendo-se na defensiva e antecipando as ações da equipe. Conhecendo os riscos que o racismo estrutural exerce sobre uma parturiente negra, se preparou para enfrentar as violências e agressões que esperava vivenciar num dos momentos de maior vulnerabilidade de uma mulher.

Ambas as mulheres, Ana e Jane, vivenciaram o parto, episódio marcante da experiência de ser mãe, em um contexto de receios, desconfianças e violência. Essa realidade vai marcar a experiência e o modo como cada uma vai construir e vivenciar a maternidade, pois há problemas que atingem somente, ou com mais intensidade, as mães negras. É necessário atenção a essa realidade e implementar ações reparadoras. Há que se romper com o clichê “maternidade não tem cor”, sobretudo num país como o Brasil, onde a cor sempre foi e continua sendo motivo de menosprezo, segregação e violência (Arraes, 2014).

## Maternidade e ideais religiosos

Ana e Jane compartilham, cada uma a seu modo, outro atravessamento: o das experiências religiosas. Ambas são ativas em suas comunidades e creditam à fé, bem-estar e acolhimento. As redes de apoio oriundas desses contextos são, para elas, fundamentais.

Entender o contexto atual e os modos como o contemporâneo incide sobre os sujeitos é imprescindível para discutirmos como muito do que se concebe enquanto “mãe” e “maternidade” é, ainda, fortemente pautado em crenças religiosas.

No início do século XIX, com o crescimento do capitalismo industrial e liberal, a igreja Católica foi perdendo a sua relevância político-social, bem como o seu poder de influência frente à população. Como forma de reação, a Igreja reestruturou o caráter feminino pregado pela religião, utilizando das características reconhecidas femininas, como “fragilidade” e “sensibilidade”, para justificar o estabelecimento da crença de que as mulheres seriam as responsáveis pelos cuidados domésticos, familiares e pela transmissão das virtudes morais da religião (Lima; Teixeira, 2008). Assim, a maternidade foi se tornando o espaço precípua possível de realização feminina, o lugar por excelência dos dons femininos.

O Brasil tem vivenciado um reacender das instituições religiosas, a exemplo da ascensão das igrejas evangélicas que veio acompanhada de uma onda conservadora e de um projeto de poder político moralizante e neoliberal.

Atualmente, no Brasil e na América Latina, o que se destaca são setores religiosos, à direita, com ênfase em temas como aborto, sexualidade, gênero, casamento, técnicas reprodutivas e adoção de crianças por casais do mesmo sexo. De um lado, um movimento de manutenção da tradição cristã fortemente marcada pelo catolicismo, de outro, um movimento mais proativo e transformador dos comportamentos feito pelo evangelismo (Almeida, 2019, p. 208).

O movimento conservador estudado por Almeida (2019) busca deslegitimar qualquer possibilidade para além da família tradicional, modelo este que supõe uma mulher-mãe com afetos, comportamentos e lugares sociais bem delimitados.

Ana, ativa na comunidade religiosa cristã que faz parte, se denomina “aberta à vida”. Ela e o marido não fazem uso de nenhum método contraceptivo, natural ou artificial. Ainda assim, ao descobrir a atual gravidez, relatou ter vivenciado um estado de negação.

Nota-se, nas falas de Ana, forte ambivalência frente à sua escolha de ser aberta à vida. Apesar de aceitar ter todos os filhos “que forem enviados por Deus”, encontra-se em negação com a atual gestação e frustrada com a maneira como a vida decorreu ao longo dos nascimentos dos filhos. Falas como “antes a vida era muito confortável, viajávamos e morávamos em uma casa boa” evidenciam esse desconforto. Ana fala de momentos em que “dá chineladas” ou coloca os filhos de castigo, e se diz muito impaciente com eles. Ao contrário da Virgem Maria, que prontamente aceitou o filho que Deus lhe deu sem arrependimentos (como nos foi contada a história), Ana parece se ressentir da maternidade, numa ambiguidade própria das questões que atravessam esse lugar de maternidade como uma obrigação da condição de mulher. Sofre no descompasso entre as expectativas e promessas, sociais e religiosas, e as possibilidades reais vivenciadas enquanto mãe. Sofre por não corresponder ao ideal de mãe? Ou sofre por ter encontrado sofrimento na maternidade idealizada?

Assim como Ana, Jane planeja ter muitos filhos. Segue uma religião de matriz africana e tem sua experiência de maternidade inundada pela fé. Relatou ter desejado e tentado engravidar nos últimos anos, mas sem sucesso. Essa gestação, pedida e prometida

em contexto religioso, trouxe um alívio frente a uma suspeita pessoal (e sem fundamentos médicos) de infertilidade. Para Jane, o grupo religioso não se trata apenas de uma comunidade, mas de uma família com laços e obrigações esperados entre os membros. Ao relatar seu desejo de ser mãe de muitos filhos, a construção de uma linhagem surge para ela como justificativa principal. Ter descendentes que um dia sigam sua fé, irá garantir seu lugar ao lado dos ancestrais que hoje cultua. Ter filhos de sangue, portanto, garantirá sua continuidade após a morte, também no plano espiritual. A maternidade, de certa forma, lhe garantirá a imortalidade.

No caso de Ana, apesar da fé cristã ter crenças completamente diferentes das de Jane, a experiência de maternidade, se bem exercida, também lhe garantirá a vida após a morte. Em *Introdução ao narcisismo* (2010 [1914]), Freud fala sobre a relação entre a finitude e os filhos: “no ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança” (p. 25).

Nos dois casos brevemente relatados, percebe-se essa proteção narcísica vivenciada às expensas dos filhos. A imortalidade desejada é alcançada por um atalho, por assim dizer. Não é preciso que os filhos alcancem feitos gloriosos para vencer a morte. A própria maternidade, se exercida nos preceitos estabelecidos, garantirá isso. Pelo menos, é essa a promessa.

## Trabalho e maternidade

A entrada na maternidade muda a relação das mulheres com o trabalho. A forma como cada mulher vai lidar com sua autonomia e emancipação, num momento em que seu olhar está para a economia do cuidado, pode ter relação com o que lhe foi transmitido ao longo da vida. Numa sociedade sexista e patriarcal como o Brasil, onde a família heterossexual burguesa aparece como modelo, há uma pedagogia afetiva segundo Zanella (2018), pois os contextos culturais ditam *scripts* sobre como se deve sentir e expressar emoções. Mulheres são interpeladas ao cuidado e à interdependência. Já aos homens é interpelada a autonomia, independência e individualização.

Para Quinet (2020, p. 70), “gênero é da ordem do semblante – do parecer, do atuar, do performar”, ou seja, a parentalidade não é ditada pela genética, pela anatomia ou pela educação, mas sim pelas funções materna e paterna que são simbólicas e independem de gênero. Em cada sociedade, os significantes “homem” e “mulher” assumem significados diferentes que estipulam como os indivíduos devem ser, se comportar, vestir e, até mesmo, como devem pensar e desejar. O termo “gênero” já teve muitas leituras ao longo do tempo, mas hoje indica construções sociais definidoras de atributos que ganham estatutos de “regras de conduta” quanto ao que é esperado e autorizado a homens e mulheres (Muszkat, 2020). Para a autora,

o não preenchimento desses atributos frequentemente leva os sujeitos a se sentirem fracassados, desvalorizados, não amados, retornando, assim, à vivência de vulnerabilidade e desamparo sentida por nós quando pequenos, que nos esforçamos para eliminar por meio de artifícios que nos garantam sensação de potência, segurança e amor-próprio (Muszkat, 2016, p. 90).

Como diz Muszkat (2020), há uma rede invisível de transmissão em cada família, cheia de significações, códigos, alianças, rivalidades, heranças, valores e comunicações conscientes e inconscientes. Essa rede promove um sentimento de pertencimento a um grupo social, econômico, racial, religioso, cultural, familiar e educacional, que fará com que cada sujeito entenda seu lugar no mundo.

Ana relatou que antes de ter filhos estudava muito para obter sucesso profissional, que trabalhava e dedicava-se com afinco a essa esfera da sua vida. Quando foi atendida pelo projeto, estava desempregada. Ela compartilhou que havia sido demitida pela primeira vez, há alguns anos, devido à sua escolha de ter mais filhos. O chefe tentou mantê-la ao máximo no posto de trabalho, mas disse em determinado momento “você escolheu ter filhos, e todo mundo escolheu fazer pós-graduação”. Na sua segunda demissão, havia acabado de ser contratada quando descobriu que estava grávida novamente. A partir da terceira gestação, não conseguiu mais equilibrar maternidade e vida profissional. Atualmente, deseja voltar a trabalhar para ajudar financeiramente em casa, mas relata que “é difícil com as crianças”.

Oliveira *et al.* (2011), levantam questões como a ambiguidade vivenciada pela mulher no retorno ao trabalho pós-maternidade e os conflitos entre a demanda familiar e profissional – estresse, ansiedade, e desequilíbrio na divisão de tarefas relativas aos cuidados domésticos e dos filhos. Além disso, a falta de apoio familiar, social e organizacional pode ocasionar uma desistência em relação à escolha profissional feita anteriormente. Nesse ponto, é importante destacar que a interseccionalidade racial de mulheres negras no mercado de trabalho tem suas particularidades, pois elas tendem a ter menor participação e as taxas de desemprego e informalidade são mais altas entre mulheres negras do que nos demais grupos demográficos (Feijó, 2022).

Jane trabalha e estuda. Mesmo sem rede de apoio, ela planeja ter muitos filhos e proporcionar a eles acesso ao que negros, em sua concepção, não costumam ascender. Sua motivação à maternidade é tida como uma luta política. Apesar desse desejo, ela reconhece o quanto o ambiente profissional é violento, racista e, por vezes, adoecedor. Conhecedora de seus direitos, se viu, diversas vezes, sendo rotulada por terceiros como “barraqueira” por ser mulher negra e passou, então, a questionar situações que considerava injustas no contexto profissional. O adjetivo em tom pejorativo indica, em nossa cultura, mais uma tentativa de silenciamento das mulheres, das quais se espera a docilidade e a aceitação oblativa do sacrifício de qualquer trabalho.

## Considerações finais

Os casos apresentados no texto são claramente atravessados por questões de gênero e raça, além de serem permeados por ideais religiosos, o que nos leva a observar as diversas faces da experiência de exercer a maternidade na atualidade, assim como suas possibilidades, entraves, contradições e desafios.

O relato de Ana é marcado por ambivalências e angústias frente à maternidade que escolheu exercer. Há, aparentemente, uma dificuldade de se implicar, de reconhecer e arcar com as consequências da decisão de ter muitos filhos. Ana, repetidamente, relembra a vida que levava antes, em contrapartida à vida que vive agora, numa espécie de nostalgia daquilo que foi perdido quando se ganhou tantos filhos. Autonomia financeira, tempo, paciência, condição social, lugares e desejos que foram substituídos e abandonados diante do ideal maior da maternidade, esse lugar sagrado e insubstituível. Contudo, nesse lugar, Ana goza e se vê enquanto mulher que tem a missão sagrada de gestar e parir, mas, diante da chegada de mais um filho, não parece se reconhecer enquanto sujeito que escolheu ser: mãe. Assim, Ana está constantemente dividida entre o prazer e o desprazer do que assumiu para a sua vida, repetindo um sofrimento que a paralisa.

Jane, ao reconhecer a sua condição de mulher negra, utiliza sua entrada na maternidade, para, entre outras coisas, pautar uma luta política. Através de seu próprio mérito, sem que com isso ignore as violências às quais está submetida, espera ascender socialmente e introduzir esses filhos (o que tem e os que deseja ter) em outras esferas econômicas. “Negro, quando ascende, não tem filhos”, ela afirma. Ter muitos filhos, portanto, funciona neste jogo duplo: corresponde a um ideal religioso, mas também marca um ato político de resistência.

Se historicamente o exercício da maternidade foi negado às mulheres negras, Jane busca reafirmar sua existência nesse campo. Ela deseja os filhos, mas também deseja mostrá-los de onde poderão ser vistos, de onde ela também será vista, num explícito desejo de reconhecimento. Como se todas essas frentes – maternidade, religiosidade e trabalho – fossem um só campo de enfrentamento político, onde almeja uma realização narcísica completa, sem furos. Esse desejo, oriundo de uma mulher vivenciando seu primeiro puerpério, traz ecos de um narcisismo infantil que faz parecer crer que tudo é possível.

Escutar essas mulheres é se deparar com multiplicidades. Ana e os sofrimentos relacionados às suas ambivalências e dissabores, e Jane, que vive a existência de ambivalências e dissabores relacionados à maternidade, os quais são aparentemente negados. Esses casos apresentados nos convidam a refletir sobre o lugar da maternidade no contemporâneo – sem deixar de reconhecê-la sempre como uma experiência individual e singular, que vai marcar de modo unívoco a mulher que a experimenta – e nos conduziu à necessidade de bordejarmos a vivência do ciclo gravídico-puerperal de mulheres negras, bem como suas experiências de maternidade.

O presente estudo, então, nos permitiu pensar o papel da Psicanálise como um espaço de escuta para que mulheres sejam percebidas e acolhidas em suas questões e angústias,

e que possam costurar uma elaboração do que foi vivido dentro das dificuldades as quais permeiam o materno de cada uma, bem como a invenção de caminhos possíveis para atravessar a intensidade da experiência parental e sustentar os lugares femininos escolhidos por cada uma, nos casos específicos de mães e mulheres negras.

### Referências

ARRAES, Jarid. O racismo não está nas diferenças. *Portal Geledes*, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-racismo-nao-esta-nas-diferencas-por-jarid-arraes>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Los Angeles: University of California, v. 10, n. 172, 2000.

COSTA, Joseane dos Santos; BEZERRA, Rosilda Alves. Maternidade e negritude: a representação do ser feminino no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. *Anais VII ENLIJE*, Campina Grande: Realize, 2018.

DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto Monnerat. O feminino como metáfora do sujeito na Psicanálise. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 645-667, 2011.

DIAS, Luciano Souza; CANAVÊZ, Fernanda. Complexo de Édipo e diferença racial em psicanálise. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 22, n. 3, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, N. M.;

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 2008.

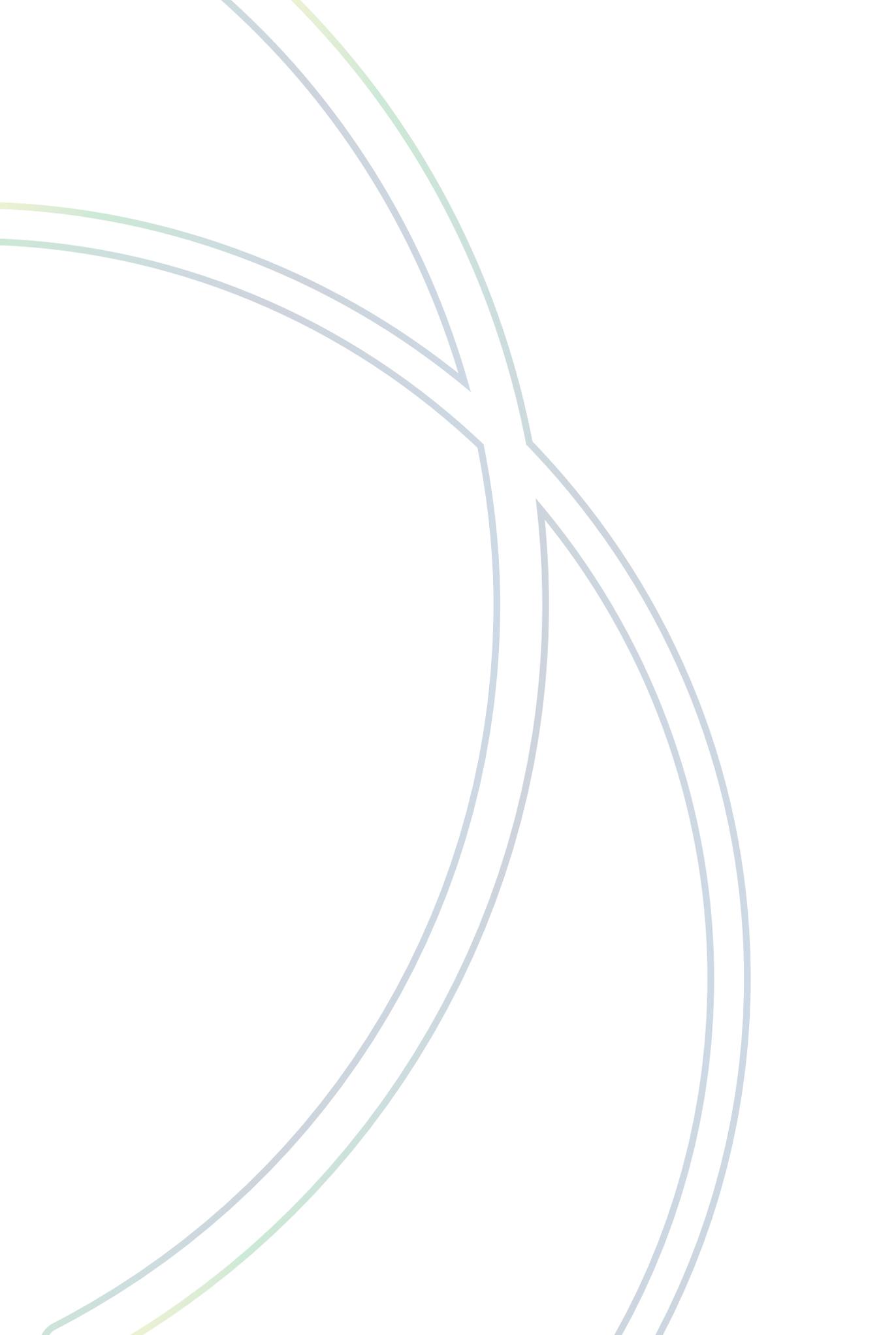
FEIJÓ, Janaína. A participação das mulheres negras no mercado de trabalho. *Blog do IBRE*, Rio de Janeiro, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/participacao-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Estudos Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

IACONELLI, Vera. Sobre as origens: muito além da mãe. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA Thais; IACONELLI, Vera (org.). *Parentalidade 1*. São Paulo: Autêntica, p. 11-19, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

KEHDY, Roberta Wanderley. Redes de apoio: cuidar de pais na chegada de um filho. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. (org.). *Laço 1*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 67-79, 2020.

- LACAN, Jacques. *O Seminário livro XI: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LIMA, Raquel dos Santos Sousa; TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 113-126, 2008.
- MUSZKAT, Malvina; MUSZKAT, Susana. *Violência familiar*. São Paulo: Blucher, 2016. (Série o que fazer)
- MUSZKAT, Susana. Violência de gênero. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. (org.). *Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 85-102, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).
- OLIVEIRA, Tamiz Lima. Mulheres negras e maternidade: Um olhar sobre o ciclo gravídico-puerperal. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 12-23, 2019.
- OLIVEIRA, Silvana Côrrea *et al.* Maternidade e trabalho: uma revisão da literatura. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, v. 45, n. 2, p. 271-280, 2011.
- QUINET, Antônio. Entre o inconsciente e a cultura: o sujeito. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. (org.). *Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 65-82, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).
- ROSA, Miriam Debieux. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.
- ROSA, Miriam Debieux; BINKOWSKI, Gabriel Inticher; SOUZA, Priscilla Santos de. Tornar-se mulher negra: uma face pública e coletiva do luto. *Clínica & Cultura*, v. 8, n. 1, p. 86-100, 2019.
- ROSSAFA, Renata Garutti; BLUM, Vera Lúcia. *Ser mulher: a clínica psicanalítica a favor da escuta e produção de sentido*. Mato Grosso: Editora UFMT, 2021.
- SCHNEIDER, Liane. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.
- ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.



# Sobre os autores e organizadores

**Alessandra Carvalho Vieira da Silva.** Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alessandravcs@gmail.com](mailto:alessandravcs@gmail.com)

**Alexandre Staerke Vieira de Rezende.** Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: [alexandre.staerke@gmail.com](mailto:alexandre.staerke@gmail.com)

**Aline Vidal Varela.** Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: [alinevidalpsi@gmail.com](mailto:alinevidalpsi@gmail.com)

**Alvinan Magno Lopes Catão.** Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alvinanmagno@gmail.com](mailto:alvinanmagno@gmail.com)

**Amanda Soares Dias.** Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [diasam.asd@gmail.com](mailto:diasam.asd@gmail.com)

**Ana Giulia de Araújo Conte.** Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: [giulia\\_conte@hotmail.com](mailto:giulia_conte@hotmail.com)

**Ana Isabel Pereira.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: [anaisabelpsi@outlook.com](mailto:anaisabelpsi@outlook.com)

**Antônio Trevisan.** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

**Carla Sabrina Xavier Antloga.** Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

**Cintia da Silva Lobato Borges.** Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

**Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato.** Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

**Daniela Scheinkman** Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

**Eduardo Ribeiro Vasconcelos.** Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo\_vasconcelos82@hotmail.com

**Eduardo Portela.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

**Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista.** Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

**Elzilaine Domingues Mendes.** Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine\_mendes@ufcat.edu.br

**Fabrcio Gonalves Ferreira.** Psic3logo. Mestrando do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

**Fernanda Guerra Roman N3ufel do Amaral.** Psic3loga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Bras3lia (UnB) e p3s-graduanda em Psican3lise com Crianas e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educa3o (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

**Guilherme Henderson.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Cl3nica e Cultura pela Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universit3rio de Bras3lia (UniCEUB). Membro da Associa3o Lacaniana de Bras3lia (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

**Hugo Martins Gomes da Silveira.** Psic3logo pela Universidade de Bras3lia (UnB). Pesquisador de Percep3o de Qualidade em Presta3o de Servios. Pesquisador de Sa3de Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

**Igo Gabriel dos Santos Ribeiro.** Psic3logo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

**Ingrid Fernandes dos Santos.** Psic3loga pela Universidade de Bras3lia (UnB). Mestranda em Psicologia Cl3nica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Bras3lia. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

**Ingrid Mello Pereira Soti.** Psic3loga. Educadora em Diabetes pela Associa3o Nacional de Aten3o ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura na Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

**Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa.** Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Funda3o Mineira de Educa3o e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psican3lise dos F3runs do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do F3rum do Campo Lacaniano de Bras3lia. Contato: isafane.c@gmail.com

**Jean-Michel Vivés.** Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

**Jéssica Nayara Cruz Pedrosa.** Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

**Joyce Juliana Dias de Avelar.** Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

**Juliano Moreira Lagoas.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

**Laene Pedro Gama.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

**Lara Gabriella Alves dos Santos.** Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

**Katia Cristina Tarouquella Brasil.** Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

**Márcia Cristina Maesso.** Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

**Marco Antônio Coutinho Jorge.** Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

**Melissa Souza Silva.** Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

**Muriel Romeiro da Costa e Silva.** Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

**Nelson de Abreu Júnior.** (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

**Patrícia da Cunha Pacheco.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

**Renato Palma.** Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

**Roberto Medina.** Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

**Samuel Ted Almeida de Pereira.** Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

**Valéria Brisolara.** Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: [valeriabrisolara@gmail.com](mailto:valeriabrisolara@gmail.com)

**Vanessa Correa Bacelo Scheunemann.** Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: [vcbscheunemann@gmail.com](mailto:vcbscheunemann@gmail.com)

**Valéria Machado Rilho.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: [valrilho@gmail.com](mailto:valrilho@gmail.com)

**Vitor Luiz Neto.** Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: [vitorluiz.neto@gmail.com](mailto:vitorluiz.neto@gmail.com)

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# INTERFACES EM PSICANÁLISE

## Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia